



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Projetos correlatos e a leitura de imagens por Panofsky: Um caminho possível

*Related projects and reading images by Panofsky:
One possible way*

*Proyectos relacionados y la lectura de las imágenes por Panofsky:
Una manera posible*

SÁ, Natália Aurélio de

Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Faculdades Integradas de Patos - FIP, ns.nataliasa@gmail.com

RESUMO

Este artigo surgiu como parte de uma pesquisa de mestrado em que se propunha, para verificar a utilidade pedagógica e o grau de aproveitamento dos estudos dos projetos como subsídios para a projeção, identificar o nível de leitura de projetos correlatos atingido pelos estudantes de graduação e o potencial de aprendizado alcançado com o estudo de tais projetos. Tendo em vista que a maior parte das análises é feita a partir de projeto e não de obra, adotamos algumas contribuições sobre leitura de imagens. Para tanto, a investigação foi guiada por princípios do método do historiador de arte Erwin Panofsky (1939) e seu conceito de iconografia e iconologia, esta última tendo sido adaptada ao caso de leitura de projeto, através de elementos de teoria da arquitetura.

PALAVRAS-CHAVE: Projetos Correlatos; Leitura de Imagens; Panofsky; Iconologia.

ABSTRACT

This article is a part of a Master thesis which proposed, in order to verify pedagogical usefulness and the degree of utilization of the project's studies as subsidies towards the design, to identify the reading level reached and the achieved learning potential. Considering that most of the analysis is done from the design and not from work, we have adopted a contribution to reading images. Therefore, the investigation was guided by principles of the method of art historian Erwin Panofsky (1939) and his concept of iconography and iconology, the latter having been adapted to the case of design reading through architecture theory elements.

KEY-WORDS: *Correlated Projects; Design reading; Panofsky; Iconology.*

RESUMEN

Este artículo es parte de una tesis de maestría que proponía, para verificar la utilidad pedagógica y el grado de utilización de los estudios de proyectos tales como subvenciones para el proyecto, identificar los proyectos de nivel de lectura relacionados alcanzado por los estudiantes de posgrado y la potencial de aprendizaje logrado con el estudio de este tipo de proyectos. Teniendo en cuenta que la mayor parte de los análisis se hace desde el proyecto y no de obras, hemos adoptado una contribución cerca de lectura de imágenes. Para esto, la investigación se guía por los principios del método del historiador del arte Erwin Panofsky (1939) y su concepto de la iconografía y la iconología, este último habiendo sido adaptado para el caso de lectura de proyecto a través de elementos de la teoría de la arquitectura.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

PALABRAS-CLAVE: *Proyectos relacionados; Lectura de imágenes; Panofsky; Iconología.*

1 INTRODUÇÃO

A investigação científica relacionada ao projeto arquitetônico, retomada no Brasil a partir de meados da década de 1980 vem se desenvolvendo desde então, sobretudo com a consolidação desta atividade nos cursos de pós-graduação no país. Ao mesmo tempo, nos cursos de graduação aumentou a preocupação com um ensino mais metódico de projeto. Grande parte desta investigação segue uma discussão acerca do processo do fazer arquitetônico, aberta de forma inequívoca por Elvan Silva (1998) quando apontava duas posições extremas: uma objetiva - que delimita o fazer arquitetônico a métodos e normas rígidas - e outra subjetiva - em que o projeto é fruto do gênio guiado por inspiração. Neste âmbito, muitos autores como Mahfuz (1984), Bilodeau (1997), e Veloso (2009), entre outros, tentam desmistificar a ideia de que o projeto advém de um dom inato do indivíduo, talento do qual poucos seriam dotados, e buscam métodos adequados ao aprendizado do projeto. Denis Bilodeau (1997), por exemplo, defende que todo o processo do conhecer, do saber e do agir é aprendido através da experiência e que a “tábula rasa” não é uma condição para a criatividade. Segundo este autor, o estudo e uso de precedentes deve ser um aspecto central da educação arquitetônica e deve ser primariamente concebido como uma estrutura para definir regras e normas para a prática projetual. Como ele, outros autores defendem a ideia de que o estudo de projetos, precedentes, correlatos, ou ainda de pré-existências, é uma importante etapa do processo de projeção arquitetônica, podendo servir de aprendizado para novos projetos.

Este conjunto de reflexões que afirmam ser possível tirar lições de projetos, aprender com projetos executados ou não, tem levado ao incentivo, quando não exigência, de estudos de casos, precedentes ou correlatos por ocasião do desenvolvimento de projetos na graduação. Inspiração, influência, oferta de soluções a serem adaptadas à função destes estudos, bem como a forma de fazê-los, permanece ainda não muito consensual nem precisa entre os diversos autores e, em que pesem as iniciativas já encetadas, os resultados parecem ainda limitados.

Com base nestas reflexões, apresenta-se aqui um caminho possível para o estudo de outros projetos, tomados como projetos correlatos. Este artigo surgiu como parte de uma pesquisa de mestrado em que se propunha, para verificar a utilidade pedagógica e o grau de aproveitamento dos estudos dos projetos como subsídios para a projeção, identificar o nível de leitura de projetos correlatos atingido pelos estudantes de graduação e o potencial de aprendizado alcançado com o estudo de tais



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

projetos. Tendo em vista que a maior parte das análises é feita a partir de projeto e não de obra, adotamos algumas contribuições sobre leitura de imagens. Para tanto, a investigação foi guiada por princípios do método do historiador de arte Erwin Panofsky (1939) e seu conceito de iconografia e iconologia, esta última tendo sido adaptada ao caso de leitura de projeto, através de elementos de teoria da arquitetura.

2 DE PRECEDENTES A CORRELATOS

A crise modernista na segunda metade do século abriu espaço para a discussão sobre os valores essenciais da arquitetura moderna e a reflexão sobre a prática da arquitetura. A produção arquitetônica, para além da resposta a problemas programáticos e estruturais que partiam da ideia de *tabula rasa*, passou a ser vista como criação definida, em grande parte, pela transformação e adaptação do conhecimento existente à luz de circunstâncias variáveis, ou seja, na interpretação e adaptação de precedentes, através da analogia (MAHFUZ, 1984). Este processo pressupõe o entendimento das relações de leis e princípios de formação entre os objetos comparados.

Um dos trabalhos pioneiros no revisionismo modernista é o livro *Architectural Judgement* (1971), de Peter Collins. Collins observou o reconhecimento da experiência acumulada do passado na arquitetura e no direito, dando destaque à noção de precedentes. Neste viés, o julgamento do precedente deve ser baseado na comparação dos objetos análogos. Qualquer que seja o nível de exploração de um precedente, certamente é mais viável contar com "o acúmulo de julgamento" do que reinventar o corpo inteiro do pensamento arquitetônico para cada novo projeto. Collins apresenta o estudo de precedentes como aspecto essencial para projeção e fonte de referências para novos projetos, e também estabelece a continuidade do julgamento como um refinamento constante ao invés de uma série de invenções espontâneas de gênio.

Uma reflexão sobre o papel do precedente no conhecimento e prática do projeto arquitetônico nos foi oferecida na tese de Denis Bilodeau, *Precedents and Design Thinking in a Age of Relativization* (1997). Nela, Bilodeau aponta alterações no discurso arquitetônico a partir de 1650, com a institucionalização das academias francesas, quando emerge o desejo de se estabelecerem normas definitivas e unificadas das ordens clássicas.

O autor nos afirma que os "modos de apropriação dos precedentes no pensamento de projeto foram sendo redefinidos, e do conceito clássico de imitação (...) evoluiu para um processo mais instrumental, analógico de apropriação". A flexibilidade para absorver as mudanças sem perder a

coerência garantiu a durabilidade e continuidade no processo dinâmico de transformações epistemológicas na disciplina arquitetônica.

A análise evolutiva da transformação do papel dos precedentes realizada por Bilodeau aponta que, se em um primeiro momento do recorte temporal estudado os precedentes eram considerados como modelos canônicos e como objetos de imitação, a partir de uma concepção moderna, racional e crítica, foram sendo gradualmente definidos como formas de experiência com valor histórico, a serem usados por analogia para o julgamento e o raciocínio crítico no pensamento de projeto. Ou seja, para Bilodeau, precedentes não são modelos de projetos, são soluções, regras e princípios abstratos que “podem desempenhar uma função muito mais abrangente, crítica e criativa quando integrados em diferentes níveis no processo racional de projeto”.

No Brasil, a noção de precedente vem ganhando destaque, sobretudo no âmbito do ensino, e acompanha uma maior preocupação com a teorização do projeto, levantando um questionamento sobre a possibilidade do projeto precedente como influência ou continuidade de uma pesquisa arquitetônica (AMARAL, FREIRE e MARQUES, 2013).

Na esfera acadêmica, Mahfuz (2009) considera que o objetivo da atividade teórica é ampliar o campo problemático e a prática de projeto, proporcionando a ordenação de uma realidade complexa através de critérios que nortearão o trabalho projetual. Estes critérios norteadores da habilidade de projetar advêm de casos exemplares que fornecem uma base a partir da qual evoluir. Para o autor, um professor de projeto não transmite conhecimento através de fórmulas para resolver problemas, senão que deve apoiar o ensino da arquitetura em exercícios com base na própria arquitetura.

Este entendimento vem da cultura arquitetônica contemporânea. O atual retorno à aceitação do peso da história e das influências conduz às noções de precedentes, preexistências e projetos correlatos, cujos estudos proporcionariam aquisição de repertório. Entretanto, estas noções são por vezes utilizadas como sinônimos quando podem ter sentido bastante diferentes.

Na pesquisa de Veloso (2011), com enfoque na teoria e metodologia e nas formas de análise e avaliação de projetos, com base na pesquisa dos estudantes aos projetos preexistentes considerados por eles referências para suas propostas, podemos verificar a confusão semântica e funcional ao assimilarem o papel dos precedentes como correlação de projetos (no tangente à intenção da busca), depois por associá-los como sinônimos de “estudos de caso ou referência, análise de projetos ou de edificações similares”:



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Quando essas referências são buscadas de forma intencional, em projetos ou obras específicas, formal, funcional ou tecnologicamente relacionados ao projeto que se intenta desenvolver, tem-se o que chamamos de estudo ou análise de precedentes. [...] Esses estudos – também chamados de estudos de caso ou de referência, análises de projetos ou de edificações similares – podem [...] ter maior ou menor influência na composição do repertório do projetista. (VELOSO, 2009)

Como já assinalou Bilodeau, os precedentes não são modelos de projetos. A sua função no processo racional da projeção é mais abrangente e crítica, oferecendo soluções, regras e princípios abstratos que podem ser reutilizados de maneira criativa.

Os termos precedentes, estudos de caso ou projeto correlato remetem a uma questão da organização do conhecimento arquitetônico. Para Amaral, Freire e Marques (2013), “enquanto os projetos precedentes não forem entendidos dentro de uma ótica mais ampla do conhecimento arquitetônico, em nada podem enriquecer os trabalhos de fim de curso”.

Precedente não é o mesmo que correlato. Enquanto o primeiro está associado a noções abstratas que influenciam soluções por utilização de princípios por analogia, o segundo está mais direcionado ao uso consciente de casos existentes na concepção de um novo trabalho. Para utilização de um correlato, a referência é buscada de forma intencional.

Os correlatos têm influência direta na composição do repertório e nas soluções empregadas, desde que, a partir do estudo de casos, o estudante demonstre compreender quais as naturezas de correlação entre o projeto analisado e o projeto que desenvolve como exercício no ateliê. Caso contrário, a pesquisa perde sua validade e capacidade instrumental.

Por esta contribuição mais tangível, consideramos nesta pesquisa a utilização do termo ‘correlatos’ para designar os projetos estudados pelos estudantes para contribuição direta no desenvolvimento de seus projetos arquitetônicos durante a graduação. Os estudos de projetos correlatos se apresentam como ferramentas para apreciação e criação de projetos. Mas, como toda ferramenta, seu uso está limitado diante do que se propõe, ou que se busca, a partir da investigação.

Os pontos levantados nos estudos dos correlatos são direcionados e focados para fins e questões específicas, assumindo um caráter ativo imediato e também planejador na solução de problemas arquitetônicos (ALONSO, 2011). O projeto correlato se justifica por uma decisão consciente de apropriação de determinadas ideias percebidas e estudadas que podem ser aplicadas no projeto do estudante.

Nas escolas de arquitetura, como parte do estudo de projetos correlatos, é introduzida ao estudante a análise de repertório, para provê-lo da capacidade de construção de uma postura crítica, que



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

segundo Alonso (2011) é fundamental para que o discente comece a fazer arquitetura. A autora considera como premissas básicas para este fim que o estudante saiba ler projeto e compreender o processo projetual, tornando-se mais técnico e crítico, capaz de adquirir vocabulário e desenvolver uma linguagem arquitetônica própria.

A aquisição de vocabulário pode ser alimentada pela análise de repertório. Entretanto, enriquecer o vocabulário não é suficiente como instrumento analítico ou conceptual para o projeto. É preciso que o estudante identifique o nível de correlação considerado e eleja os critérios de análise que pretende comparar, para a partir daí assimilar lições por apropriação de ideias que poderá utilizar no seu processo de raciocínio de projeto. É, portanto, necessária uma análise comparativa que eleja critérios que orientem os elementos de reflexão norteadores da sua busca.

Correlato: da teoria ao método

Para ampliar o entendimento sobre o projeto e atingir a capacidade de análise deste, é preciso vencer as etapas de investigação que tornem o estudante capaz de refletir não apenas sobre o fim a que pretende chegar, como também sobre o percurso a ser traçado para tal.

Recomenda-se a princípio, decantar os procedimentos e vislumbrar que nível de conhecimento pode ser atingido tendo como guia uma teoria de projeto que ilumine a análise e defina critérios, para fugir da recorrente limitação à mera descrição de algumas características do projeto e/ou ao seu redesenho. A descrição permite que se hierarquizem os elementos a serem lidos, mas é preciso ter em vista o que se pretende aprender com outros projetos, o que se vai buscar na análise e o que se pretende apreender por analogia. A noção de projeto correlato depende do elo de correlação.

A descrição traz pouca repercussão cognitiva, portanto, é preciso transgredir para uma análise comparativa para alcançar o conhecimento. Compara-se para avaliar, através da eleição de critérios que orientem a busca, estabelecendo similaridades e/ou distinções entre os projetos estudados e o ideal pretendido.

Compreendendo a importância da realização da análise de projetos, em que pesa o julgamento crítico que pode ser adquirido com esta prática, e uma vez que os estudantes, em sua maioria, realizam os estudos através de projetos e não de obras, nos apropriamos de princípios do método de leitura de imagens de Panofsky, adaptando-o para a leitura de correlatos. Panofsky considera o peso

da história ou das influências da cultura de uma época e sugere três níveis de compreensão do significado inter-relacionados entre si e influenciados por princípios históricos da tradição.

3 LEITURA DE IMAGENS ADAPTANDO O CONCEITO DE ICONOLOGIA DE PANOFSKY

Erwin Panofsky desenvolveu o método iconológico em meados do século XX. Este método foi sistematizado no ensaio intitulado *Iconografia e Iconologia: Uma introdução ao estudo da arte da Renascença*, que aparece como introdução do seu livro *Studies in Iconology* (1939) e posteriormente aparece no livro *Meaning in the Visual Arts* (1955), que reúne outros ensaios do autor. O conceito de iconologia de Panofsky diz respeito à leitura de imagens na História da Arte, mas aqui, após breve apresentação e compreensão dos conceitos, pretendemos adaptá-lo à leitura do projeto, tendo em vista o estudo de correlatos a partir de projetos (imagens) e não de obras.

Neste ensaio, Panofsky faz uma distinção entre estudo do tema ou assunto (iconografia) e estudo do significado (iconologia). O autor expõe um método de interpretação em que enfatiza a importância dos costumes cotidianos para se compreender as representações simbólicas, e identifica, tanto nas imagens da obra de arte, quanto nas imagens da vida cotidiana, três níveis de significado ou tema, e detalha suas ideias em três níveis da compreensão: pré-iconográfico; iconográfico e iconológico.

1. Pré-iconográfico - primário, aparente ou natural: percepção da obra em sua forma pura, constituindo o nível mais básico de entendimento, desprovido de qualquer contexto ou conhecimento cultural.

Este nível, descritivo, é apreendido pela identificação e enumeração das formas puras (configurações de linha, cor, volumes, etc.), que são portadoras de significados e chamadas motivos artísticos. A descrição pré-iconográfica pode ser fatural (apreendida do significado por simples e imediata identificação de formas já conhecidas pela experiência prática) ou expressional (apreensão por um significado ulterior através da sensibilidade e empatia).

2. Iconográfico - secundário ou convencional: O conhecimento cultural passa a ser considerado por associação de conceitos.

É apreendido pela percepção do que uma forma representa. Os motivos e as combinações de motivos artísticos são associados a assuntos e conceitos e reconhecidos como portadores de um significado, sendo chamados de imagens, que combinadas formam as estórias e alegorias.

O domínio da iconografia é a identificação de tais imagens, estórias e alegorias, e se opõe ao campo dos temas primários manifestados nos motivos artísticos. Trata-se do tema (inteligível) em contraposição à forma (sensível).

3. Iconológico - significado intrínseco ou conteúdo: a obra não é um incidente isolado, senão que é um produto apreendido por determinação de princípios subjacentes da história pessoal, técnica e cultural. Este nível trata da interpretação do significado iconográfico.

Os princípios (técnicas características de certo país, período ou artista, por exemplo) são sintomáticos de uma atitude básica do estilo, e se manifestam tanto através dos "métodos de composição", quanto da "significação iconográfica". A interpretação destes princípios confere a estes elementos "valores simbólicos" (que podem ser desconhecidos pelo próprio artista e até diferir do que ele tentou expressar) que são o objeto da iconologia, em oposição à iconografia.

A iconografia fornece as bases necessárias para as interpretações, coleta e classifica a evidência, mas não se dedica a realizar a interpretação sozinha. A correlação entre os conceitos inteligíveis e a forma visível que os elementos assumem não é investigada pela iconografia, que não é capacitada para interpretar a significação da evidência, senão que considera apenas uma parte do conteúdo intrínseco de uma obra de arte, tornando-o explícito para que sua percepção seja articulada e comunicável, através da iconologia. Assim, a iconologia se assume como uma iconografia que se torna interpretativa, e cujo método advém mais da síntese do que da análise.

O processo de investigação do significado se apresenta a partir de procedimentos interligados em cadeia, de forma que, da mesma maneira que "a exata identificação dos motivos é o requisito básico de uma correta análise iconográfica, também a exata análise das imagens, estórias e alegorias é o requisito essencial para uma correta interpretação iconológica". Com vistas a prevenir eventuais desvios na identificação e análise dos elementos, Panofsky sugere alguns princípios corretivos para cada nível de compreensão.

No caso de uma descrição pré-iconográfica, os motivos (objetos e eventos representados por linhas, cores e volumes) podem ser identificados com base em uma experiência prática. Mesmo que o objeto seja desconhecido, e que a experiência prática não seja suficiente neste caso, é ela própria quem indica uma fonte a ser consultada para ampliar o seu alcance. Para Panofsky, a identificação dos motivos com base na experiência prática consiste numa leitura do que se vê, em conformidade com o modo pelo qual os objetos e fatos são expressos por formas que variam segundo as condições



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

históricas. Para tanto, a experiência prática é submetida ao princípio corretivo chamado 'história do estilo'.

Uma vez que a análise iconográfica trata das imagens, estórias e alegorias, é preciso mais do que a familiaridade com os motivos adquirida pela experiência prática, pressupondo uma familiaridade com temas e conceitos que são transmitidos através de fontes literárias. Assim, da mesma maneira que a correção da experiência prática se dá pela investigação da história dos estilos, do mesmo modo, a correção das fontes literárias se dá pela investigação da maneira pela qual temas ou conceitos específicos, sob diferentes condições históricas, são expressos por objetos e fatos, ou seja, a 'história dos tipos'.

A interpretação iconológica vai além da familiaridade com conceitos ou temas específicos transmitidos através de fontes literárias. Para captar os princípios básicos que orientam a apresentação dos motivos e a interpretação de imagens, estórias e alegorias, e que dão sentido aos arranjos formais e aos processos técnicos empregados, é necessária uma faculdade mental que Panofsky compara à de um clínico nos seus diagnósticos e chama de "intuição sintética". Esta faculdade pode ser desenvolvida e deve ser corrigida através da compreensão da maneira pela qual as tendências gerais da mente humana, sob diferentes condições históricas, foram expressas por temas específicos e conceitos, ou seja, história dos sintomas culturais (símbolos) em geral.

Portanto, o significado intrínseco de uma obra deve ser aferido com base no que se julga ser o significado intrínseco de outros documentos da civilização historicamente relacionados a esta obra (por tendências políticas, poéticas, religiosas, filosóficas e sociais).

Panofsky resume o seu ensaio conforme trecho a seguir. Adiante, um quadro sinóptico (Quadro 01) apresenta os principais pontos que sintetizam o método iconológico de leitura de imagens:

Quando queremos nos expressar de maneira muito estrita [...], incumbe-nos distinguir entre três camadas de tema ou mensagem, sendo que a mais baixa é comumente confundida com a forma e a segunda é o domínio especial da iconografia em oposição à iconologia. Em qualquer camada que nos movamos, nossas identificações e interpretações dependerão de nosso equipamento subjetivo e por essa mesma razão terão de ser suplementados e corrigidos por uma compreensão dos processos históricos cuja soma total pode denominar-se tradição.[...] Devemos, porém, ter em mente que essas categorias nitidamente diferenciadas [...] se referem a aspectos de um mesmo fenômeno, ou seja, à obra de arte como um todo. Assim sendo, no trabalho real, os métodos de abordagem que aqui aparecem como três operações de pesquisa irrelacionadas entre si, fundem-se num mesmo processo orgânico e indivisível. (PANOFSKY, 1986)

Quadro 01 – Quadro sinóptico do método iconológico de Panofsky

TEMA	ATO	EQUIPAMENTO	PRINCÍPIO CORRETIVO
Primário ou natural 1. fatural 2. expressional (mundo dos motivos artísticos)	Descrição pré-iconográfica e análise pseudoformal	Experiência prática: familiaridade com os objetos e eventos	História do estilo: compreensão da maneira pela qual, sob diferentes condições históricas, objetos e fatos foram expressos pelas formas
Secundário ou convencional (mundo das imagens, estórias, alegorias)	Análise Iconográfica	Conhecimento de fontes literárias: familiaridade com temas e conceitos específicos	História dos tipos: compreensão da maneira pela qual, sob diferentes condições históricas, temas ou conceitos foram expressos por objetos e eventos
Significado intrínseco ou conteúdo (mundo dos valores simbólicos)	Interpretação iconológica	Intuição sintética: familiaridade com conceitos essenciais da mente humana	História dos sintomas culturais ou "símbolos": compreensão da maneira pela qual, sob diferentes condições históricas, tendências essenciais da mente humana foram expressas por temas e conceitos específicos

Fonte: Elaboração própria (2014), a partir do método de Panofsky

O ensaio de Panofsky esclarece que, para que haja a verdadeira compreensão do significado global da imagem, é preciso que os três níveis de significado sejam assimilados corretamente, uma vez que as operações estão inter-relacionadas. Assim, a interpretação iconológica depende de etapas anteriores que forneçam as bases para a leitura da imagem.

O mesmo princípio investigativo pode ser direcionado à leitura de projeto, uma vez assimilado o caminho de reflexões proposto por Panofsky. É possível, portanto, concluir que a análise e a interpretação de um projeto devem também passar por uma etapa pré-iconográfica (meramente descritiva), seguida de uma análise iconográfica (que fornece bases para interpretação, mas ainda é descritiva), e finalmente chegar à iconologia (etapa interpretativa).

Tabela 01 - Leitura de Imagens adaptada ao Estudo de Projeto

LEITURA DE IMAGENS ADAPTADA AO ESTUDO DE PROJETO	
ETAPAS	
Descrição pré-iconográfica	Identificação dos elementos do projeto (material disponível)
Análise Iconográfica	Apreciação de Conteúdo (natureza dos aspectos destacados)
Interpretação iconológica	Assimilação de atributos subjetivos ou abstratos
LEITURA DO PROJETO	

Fonte: Elaboração própria (2014)

Para compreender se o estudante realizou adequadamente os estudos de projetos correlatos, com possibilidade de extrair deles aprendizado para o seu projeto, é preciso investigar o nível de leitura do projeto empreendida e verificar se esta alcançou o nível iconológico de interpretação, pois se o estudante ficar na mera descrição, não há aprendizado.

Um caminho percorrido

Procedimentos de investigação adotados para compreender como são realizados os estudos de projetos correlatos são apresentados a seguir. As etapas têm como guia os princípios do método de Panofsky, que auxiliam na comparação dos níveis de conhecimento adquiridos pelos estudantes.

O principal ponto a ser observado é a postura crítica do estudante, principalmente as suas inferências sobre os textos descritivos, com identificação dos pontos-chaves: que referências usa, que dimensões ressalta, que argumentos emprega, etc. A descrição dos elementos identificados são confrontados e os resultados são obtidos à luz das teorias revisadas que dão suporte à investigação.

Para verificar o nível de leitura dos projetos estudados pelos discentes, informações devem ser coletadas para verificar:

1. Os principais aspectos destacados pelos estudantes;
2. O modo de argumentação empreendido.

A partir de informações obtidas em dados quantitativos, com suporte de fichas catalográficas, é possível estabelecer uma análise qualitativa, crítica, do modo como os estudantes leem e compreendem os projetos correlatos nas análises realizadas. A análise destes estudos permite identificar:

1. A natureza dos aspectos destacados pelos estudantes:
 - Quantitativa: dimensões, áreas, cotas, sistemas construtivos, etc.
 - Qualitativa: aspectos expressivos, funcionais, simbólicos, etc.
 - Indicativos: que elementos do projeto estão associados aos aspectos.
2. O modo de argumentação empreendido:
 - Descritivo, analítico, interpretativo (nível de conhecimento);
 - Quais as categorias analíticas ou critérios de avaliação?

Assim, é possível traçar um comparativo com os níveis de conhecimento do método de Panofsky, elencados abaixo e verificados no Quadro 01, utilizando-os como parâmetros para identificar o grau de leitura do projeto que o discente atingiu e o potencial de aprendizado adquirido na sua análise (Quadros 02 e 03).

1. Nível 1 – Descrição pré-iconográfica: Verifica-se que o estudante apenas apresenta ou descreve itens do programa, materiais empregados ou características do projeto correlato, sem qualquer atribuição de significado, muitas vezes copiando o texto original da fonte consultada;
2. Nível 2 – Análise iconográfica: Verifica-se uma análise do material apresentado em que o estudante parte da descrição e estabelece correlações entre os elementos identificados, ou seja, o estudante intervém ou interfere no material disponibilizado, buscando extrair conceitos e significados atribuídos às características do projeto;
3. Nível 3 – Interpretação iconológica: Verifica-se uma interpretação do conteúdo a partir da apreensão de princípios. As características do projeto são interpretadas como princípios básicos mais abrangentes que possam ser utilizados por analogia em outras situações.

Quadro 02 - Nível de Conhecimento dos Projetos Correlatos

NÍVEL DE CONHECIMENTO DOS PROJETOS CORRELATOS

NÍVEL		INDICATIVOS
1	Descrição	
2	Análise	
3	Interpretação	

Fonte: Elaboração própria (2014)

Quadro 03 - Grau de leitura do projeto no estudo de correlatos

LEITURA DO PROJETO NO ESTUDO DE CORRELATOS

NÍVEL	ETAPA	GRAU DE LEITURA	POTENCIAL DE APRENDIZADO
1	Pré-iconográfica	Simples descrição dos elementos do projeto	Não caracteriza aprendizado
2	Iconográfica	Análise da natureza dos aspectos destacados	Aprendizado parcial, com dificuldade para aplicar o conhecimento no projeto proposto
3	Iconológica	Interpretação dos aspectos destacados, com assimilação de atributos subjetivos ou abstratos	Aprendizado potencial, com possibilidade de estabelecer raciocínio crítico e analogias para futuras soluções projetuais

Fonte: Elaboração própria (2014)

Em seguida, observando os projetos arquitetônicos desenvolvidos pelos estudantes, busca-se verificar se os projetos apresentam elementos dos aspectos destacados nos projetos correlatos selecionados. Com o objetivo de compreender a relação entre projeto final e projetos correlatos, deve ser realizado um estudo comparativo entre eles, tomando como base o esquema apresentado no Quadro 04.

Quadro 04 - Esquema de apoio ao estudo comparativo

NATUREZA DA RELAÇÃO ENTRE ESTUDO DE CORRELATO E PROJETO	
PROJETO CORRELATO	PROJETO ARQUITETÔNICO TFG
Principais aspectos destacados	Elementos do projeto
X	
GRAU DE REBATIMENTO	

Fonte: Elaboração própria (2014)

A partir das informações coletadas nas fichas preenchidas e da análise do conteúdo dos trabalhos, é possível confrontar de maneira sintética os aspectos destacados no estudo de correlatos com as características do projeto. É importante lembrar que não cabe nesta fase realizar uma análise aprofundada dos projetos, e tampouco avaliar a sua qualidade, senão que apenas verificar a aplicabilidade das referências projetuais.

A cada estudo comparativo, segue um comentário a respeito do Grau de Rebatimento das soluções levantadas no estudo de projetos. Conforme exposto na Tabela 02, o Grau de Rebatimento pode variar de 0 a 2, de acordo com a forma de participação dos aspectos destacados dos correlatos nas soluções projetuais empregadas e percebidas no projeto.

Tabela 02 - Grau de Rebatimento

PERTINÊNCIA DAS SOLUÇÕES EMPREGADAS	
GRAU	INDICATIVOS
0	Os aspectos destacados nos correlatos não são utilizados como soluções projetuais e as características do projeto não têm relação de referência com os projetos correlatos estudados
1	Os aspectos destacados nos correlatos estão presentes e é claramente percebida a referência à fonte citada, por semelhança direta das soluções empregadas

2

Os aspectos destacados nos correlatos estão presentes e são utilizados por assimilação de princípios. As soluções fazem referência à fonte citada, entretanto são apropriadas e estabelecidas através de raciocínio crítico e analogias

Fonte: Elaboração própria (2014)

O Grau de Rebatimento pode ser associado ao Nível de Conhecimento e Grau de Leitura realizados. Trata-se de especulações a respeito de aprendizados potenciais, o que não garante que o estudante percorra o caminho neste sentido, pois é possível que o aprendizado potencial não se consolide em qualquer uma das etapas do percurso, e o desvio cometido refletirá no resultado final apresentado. Entretanto, esta relação entre os indicativos do aprendizado potencial (Tabela 03) pode guiar a emissão de conclusões a respeito do processo global vencido pelo discente.

Nesta ótica, afirmamos que quanto mais o nível de conhecimento avança para a interpretação, avança também a possibilidade de leitura iconológica do objeto arquitetônico e, portanto, o nível de aprendizado também tem condições de evoluir para a assimilação de princípios a serem possivelmente utilizados por raciocínio crítico e analogias, atingindo o grau de rebatimento 2.

Tabela 03 - Esquema de Evolução do Aprendizado

RELAÇÕES ENTRE OS INDICATIVOS DO APRENDIZADO POTENCIAL

NÍVEL DE CONHECIMENTO	GRAU DE LEITURA	GRAU DE REBATIMENTO
Descrição	Pré-iconográfico	0
Análise	Iconográfico	1
Interpretação	Iconológico	2

Fonte: Elaboração própria (2014)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um caminho possível

A observação dos estudos de projetos correlatos empreendidos à luz do método de Panofsky abre a discussão sobre as possibilidades de análise de projetos como subsídio para projeção, em meio ao atual cenário de carência de procedimentos que amarrem esta investigação e auxiliem no processos de ensino e aprendizagem de projeto através do estudo de outros projetos.

Uma vez que há uma dissociação entre as características do projeto e a leitura do estudante, para identificar lições no projeto, o estudante deve saber o que pretende buscar com as informações que



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

coleta. Além disso, o aprendizado a partir de um objeto consultado só pode existir com o conhecimento adquirido sobre ele e para tanto, deve-se proceder às etapas de descrição, análise e interpretação.

As questões discutidas no curso deste trabalho não se encerram aqui, pois as informações apresentadas são uma fonte maior para aprofundar o debate acerca do tema, sob outras perspectivas. O que apresentamos, sob o enfoque de um tema específico, é a intenção de voltar o olhar ao ambiente acadêmico e poder contribuir para a formação do arquiteto.

5 REFERÊNCIAS

ALONSO, Patricia. *Ensino introdutório de projeto de arquitetura e urbanismo: Por onde começar e que caminho seguir?* In: V Projotar 2011 – Processos de Projeto: Teorias e Práticas, Belo Horizonte. Anais do V Projotar, 2011.

BILODEAU, Denis. *Precedents and design thinking in an age of relativization: the transformations of the normative discourse on the orders of architecture in France between 1650 and 1793*. School of Architecture, Delft University of Technology, Holanda, 1997.

COLLINS, Peter. *Architectural judgement*. London: Faber, 1971.

COSTA LIMA, Helio. *A Estrutura Arquitetônica como “entrada” do aprendizado de projeto*. In: MARQUES, Sônia; LARA, Fernando (org.). *Projotar: Desafios e conquistas da pesquisa e do ensino de projeto*. Rio de Janeiro: EVC, 2003.

LOUREIRO, Cláudia; MARQUES, Sonia. *Projeto Final. Síndrome das cavernas: Muito blá blá blá, alguma História e nenhuma teoria*. In: IV Projotar 2009, 2009, São Paulo. Anais do IV Projotar 2009, 2009.

MAHFUZ, Edson C.. *Nada provém do nada: a produção arquitetônica vista como transformação de conhecimento*. *Projeto* (São Paulo), São Paulo, n. 69, p. 25-37, 1984.

MARQUES, S.; AMARAL, I.; FREIRE, A.. *Precedentes e Correlatos: Do Caos ao Cais?*. In: VI Projotar 2013 – O Projeto como Instrumento para a Materialização da Arquitetura: ensino, pesquisa e prática, Salvador. Anais do VI Projotar, 2013.

PANOFSKY, E. *Iconografia e Iconologia: Uma introdução ao estudo da arte da Renascença*. In: Significado nas Artes Visuais. Tradução: Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2ª ed., 1986, p. 47-65.

SILVA, Elvan. *Sobre a renovação do conceito de projeto arquitetônico e sua didática*. In COMAS, Carlos Eduardo (Org.). *Projeto de arquitetura: disciplina em crise, disciplina em renovação*. São Paulo, Projeto Editores, 1986.

VELOSO, M.; ELALI, Gleice A. (Org.) *Projeto: Desenhos e (con)textos: Uma análise da produção acadêmica de Trabalhos Finais de Graduação no Brasil*. Natal: EDUFRN, 2011.

VELOSO, M.; MARQUES, S.. *A pesquisa como elo entre prática e teoria do projeto: alguns caminhos possíveis*. *Arquitextos* (São Paulo. Online), v. 089, p. 00-10, 2007.

VELOSO, M. Estudos de precedentes, referências e metodologias projetuais em Trabalhos Finais de Graduação em Arquitetura no Brasil. In: IV Projotar 2009, 2009, São Paulo. Anais do IV Projotar 2009, 2009.

PROJEDATA, Grupo Projotar/UFRN, disponível em: <http://www.grupoprojetar.ufrn.br>